

## **MOÇAS, CASADAS E VIÚVAS: A ELITE CATÓLICA FEMININA NA ARACAJU OITOCENTISTA**

**Bruna Ribeiro dos Santos**

[brs.ribeiro@hotmail.com](mailto:brs.ribeiro@hotmail.com)

Pós-Graduada em História do Brasil pela Faculdade Pio X

**Ivo Rangel Fontes Lima**

[ivorangell@hotmail.com](mailto:ivorangell@hotmail.com)

Pós-Graduado em História do Brasil pela Faculdade Pio X

### **Resumo**

No Brasil colonial e imperial encontramos a Igreja Católica de mãos dadas com o Estado Português. Suas ações moldaram a sociedade brasileira vorazmente. No campo religioso, as irmandades leigas figuravam como símbolos de domínio e resistência. O presente trabalho traz à tona vestígios da resistência feminina católica na Aracaju do século XIX frente ao patriarcado dominante a partir da participação das mulheres na Irmandade de Nossa Senhora da Pureza.

**Palavras-chave:** Irmandade; Religião, Leigos.

# MISSES, MARRIEDS AND WIDOWS: THE FEMALE CATHOLIC ELITE IN ARACAJU OF THE NINETEENTH CENTURY

**Bruna Ribeiro dos Santos**

[brs.ribeiro@hotmail.com](mailto:brs.ribeiro@hotmail.com)

Pós-Graduada em História do Brasil pela Faculdade Pio X

**Ivo Rangel Fontes Lima**

[ivorangel1@hotmail.com](mailto:ivorangel1@hotmail.com)

Pós-Graduado em História do Brasil pela Faculdade Pio X

## **Abstract**

In colonial and imperial Brazil we find the Catholic Church hand in hand with the Portuguese State. Its actions shaped voraciously the Brazilian society. In the religious field, lay brothers were used as symbols of domain and resistance. The present work brings up vestiges of the Catholic female resistance in Aracaju of the 19th century against the dominant patriarchy from the participation of women in the Nossa Senhora da Pureza sisterhood.

**Keywords:** Brotherhood; Religion, Women.

Na Aracaju da década de 1860, uma visita ilustre se fez presente na distante capital da província sergipana, o príncipe herdeiro D. Pedro II. O monarca passou pouco mais de uma semana conhecendo a Província de Sergipe Del Rey, mas, tempo suficiente para cruzar as portas da recém-erguida Igreja do São Salvador.

Em tempos não tão distantes do significativo evento, na mesma igreja em 1876, eis que surge, sob as mesmas bênçãos que contemplaram outrora o imperador D. Pedro II, a Irmandade de Nossa Senhora da Pureza.

Segundo Jocineide Cunha, “As irmandades eram associações de leigos que possuíam uma devoção comum e cuja finalidade era a ajuda mútua, socialização e diversão” (SANTOS, 2011a, p. 12). Sucintamente vemos que as funções e proposições das irmandades eram diversas; cultos públicos, procissões, missas, compra de alforrias e assistencialismos a enfermos na hora da morte e a promoção da festa de seu padroeiro devocional.

Essas instituições que marcaram incisivamente a relação entre leigos e a vida religiosa são associações essenciais para a construção político-religiosa do Brasil imperial. Pois, estavam de braços dados com o Estado através do padroado régio, constituindo assim, um movimento não só religioso, mas, político e social. Essa perspectiva sobre a vida leiga religiosa no Brasil imperial é evidenciada por Magno Santos ao dizer que, “(...) pensar sobre a presença de tais associações em uma sociedade implica em discutir a constituição social, os enredos e tramas que perscrutavam a população de uma província distante da Corte do Rio de Janeiro” (SANTOS, 2013a, p. 104).

Entretanto, as irmandades tinham premissas diferentes dentro do campo religioso brasileiro. Para as elites, eram espaços de autoafirmação e domínio, um espaço de cultos cristãos. “Na frequência das missas e das festas a distinção social se fazia presente na configuração espacial do interior das igrejas (ANDRADE JÚNIOR, 2010, p.94)”. Para os grupos marginalizados como negros, pardos e mulheres, as irmandades tinham um papel de inclusão social importantíssimo na sua construção identitária e ainda mais, desempenhavam uma força de resistência à soberania patriarcal branca.

## 1. As Irmandades em Sergipe

A historiografia sergipana tem produzido material significativo acerca das irmandades que existiam aqui, recordando as narrativas encontradas em documentos oficiais a respeito dos protagonismos de resistência impregnados por tais associações em suas práticas cotidianas. Tentando assim, compreender os mecanismos internos da vida religiosa na Província de Sergipe Del Rey.

São diversos os oragos presentes nos cultos leigos sergipanos, tais como Santíssimo Sacramento, São Benedito, Santas Almas do Fogo do Purgatório, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição, Santo Antônio entre outros. As vilas sergipanas estavam alicerçadas nas associações leigas, sejam de brancos ou pretos, ricos ou pobres, homens ou mulheres, enfim: a aliança do padroado era pulsante aqui em terras nordestinas. Sobre o elevado número de irmandades em Sergipe Del Rey, Magno Santos completa que em praticamente todas as vilas de Sergipe as irmandades e confrarias se faziam presentes, principalmente quando se tratava das irmandades e confrarias de negros (SANTOS, 2013b, p. 123).

Nas últimas décadas em Sergipe, houve um entusiasmo em se produzir trabalhos acadêmicos sobre as irmandades e confrarias de outrora. Utilizando termos de compromissos que resistiram às marcas do tempo, pesquisadores têm se debruçado sobre as temáticas acerca dessas agremiações leigas. Um dos pioneiros é Francisco José Alves, seguido por Lourival Santana, Veronica Nunes, Jocineide Cunha, Pérciles Andrade Júnior, Magno Santos, Ane Mecnas, Claudefranklin Santos, Vanessa dos Santos Oliveira e Flávio Santos do Nascimento, entre outros. Todos com enfoques diferentes, sobre os compromissos, às devoções, às festas e identidades. Em contrapartida, existe ainda muito pano pra manga ao tratar da vida religiosa em Sergipe. É nessa perspectiva que empreendemos este trabalho, as mulheres pouco são protagonizadas nas irmandades, quando muito, desempenham alguma função apenas, mas, em nosso estudo, trataremos de uma associação de mulheres e para mulheres em Sergipe provincial.

## **2. As Devoções e suas espacialidades**

O espaço social constituído pelas confrarias era complexo e diverso. Há registros de uma grande quantidade de associações de leigos nos documentos encontrados remanescentes dos séculos XVIII e XIX, concomitante a isso, uma diversa gama de santos de devoção, como nos explica Vanessa Oliveira ao dizer que por meio da análise de compromissos, livros de tomo, testamentos, ofícios de Mesa de Consciência e Ordens e registros de óbitos localizamos 63 associações religiosas leigas espalhadas pelo território sergipano, algumas até então desconhecidas (OLIVEIRA, 2014, p.319).

A partir dessa pluralidade de associações e devoções é que percebemos a segregação social existente dentro das confrarias. Os seus Termos de Compromisso expõem a sua real natureza enquanto associação, ou seja, o gênero e a cor sempre foram requisitos importantes para todas as irmandades. As devoções andam conforme a satisfação dos confrades no caso dos negros, forros e libertos.

As irmandades negras agiam dotadas de uma maior percepção das necessidades de seus irmãos. As devoções entre estes, eram em sua maioria para São Benedito, Santa Ifigênia, Santo Elesbão e Nossa Senhora do Rosário. Esta última, presente em quase todas as irmandades negras. “Inicialmente uma devoção dominicana, o Rosário passou a ser, desde o século XVI, uma das mais importantes invocações dentro do movimento de conquistas e conversões dos chamados gentios, alcançando desta forma variadas ordens religiosas envolvidas no processo de missionação (SIMÃO, 2010, p. 26-27)”. Ora, os confrades do Rosário, enxergaram nas irmandades negras uma possibilidade de se contrapor ao regime escravista, visto que nelas lembravam seus cultos antepassados e seus deuses, o sincretismo religioso era essencial aos irmãos de cor.

Interessante apontar aqui a condição feminina nas irmandades, dado que viver num reino patriarcal e segregado não foi para elas tarefa fácil, inserir-se na vida cotidiana e social brasileira. A resistência das mulheres é não só perceptível a partir das leituras documentais, mas, também, de significativa importância na organização e funcionamento das associações leigas. “No que se refere as negras, em Sergipe, as mulheres podiam ingressar em todas as irmandades que os estatutos foram encontrados (SANTOS, 2011b, p. 23)”. Jocineide Cunha ainda esboça o protagonismo feminino dentro das confrarias dizendo que, no Brasil, em muitas irmandades negras, as mulheres, além de serem aceitas, tinham uma participação

efetiva diferentemente de algumas irmandades dos homens brancos; espaço que as mulheres brancas não eram aceitas ou tinham uma participação limitada (SANTOS, 2011c, p. 22).

Contudo, existiam também os espaços da elite católica sergipana. Se por um lado os negros encontravam nas irmandades um campo onde o sincretismo era sua força de resistência, no caso dos brancos da elite essa percepção ocorria de maneira diferente. Para a classe mais abastada da província sergipana, participar das confrarias dedicadas ao Santíssimo Sacramento ou mesmo às Santas Almas do Fogo do Purgatório era uma reafirmação de sua hegemonia social, étnica, religiosa e financeira.

O campo religioso sergipano durante os séculos XVIII e XIX era permeado como já foi dito, por uma imensa quantidade de associações leigas. Diversos tipos como Ordens Terceiras, confrarias e irmandades. A atenção a variados grupos sociais não diminuía os moldes segregados da sociedade, ao contrário fortalecia a hegemonia de uma etnia sobre a outra, ou de um sexo sobre o outro.

Nesta sociedade estratificada - em que a própria organização do espaço demonstrava a segregação social por parte dos segmentos dominantes, criando mecanismos de separação, identificação e ajuda mútua, como as irmandades religiosas, que podem ser compreendidas como uma das formas mais expressivas da configuração simbólica e social dos espaços religiosos brasileiros (ANDRADE, 2013, p. 167).

### **3. A insurreição feminina**

É em meio ao patriarcalismo hegemônico do Brasil do século XIX, que surge a Irmandade de Nossa Senhora da Pureza erigida sob os auspícios da Igreja de São Salvador na capital da Província de Sergipe Del Rey, Aracaju. Válido mencionar, que a mulher tem uma origem social e histórica, desde os tempos mais remotos, a figura feminina é hostilizada e jogada a sarjeta. No ideário cristão, a mulher vem da costela do homem. Durante sua história é sempre mencionada como coadjuvante de um processo, nunca a protagonista do acontecimento evolutivo. “A história da mulher brasileira, como a história de tantas mulheres, é marcada pelo estabelecimento da ordem patriarcal que, legitimada pela religião cristã ocidental, transmitiu o silenciamento do feminino em todas as esferas sociais (OLIVEIRA, 2008, p.01)”. O silenciamento feminino é por tanto, marca de sua trajetória e as mulheres da Aracaju oitocentista, não fugiram a essa regra, mas, de tão silenciadas que foram, acabaram por

insurgir, ao conseguirem a aprovação do termo de compromisso da confraria aqui tratada. Mesmo que, a autorização para tal funcionamento leigo seja masculina.

A invocação a Nossa Senhora da Pureza como orago de sua irmandade é, porém, sinal de que a irmandade carrega um manto conservador e elitista em sua composição. Alguns fatores asseguram nossa assertiva sobre a irmandade, como o fato da mesma ser erguida na igreja matriz da capital de província, um local reservado a elite católica local. Outro fato é em relação à população urbana de Aracaju no século XIX que era composta por pessoas mais abastadas, ficando até os dias atuais as regiões periféricas para as populações negras e pardas. Mas, o ponto central dessa devoção está na própria imagem da veneração.

Maria, mãe de Cristo, é símbolo da pureza. A Oração a Maria Santíssima para guardar a Santa Pureza diz em seu primeiro verso “Coração Puríssimo de Maria, por vosso amor e com vosso auxílio, estou resolvido a não consentir, neste dia, em nenhum pensamento impuro. Ajudai-me, Senhora, a afastá-los logo (Livro de Orações da Adm. Apostólica S.J Maria Vianney, de Campos-RJ)”. Esse ato de repelir o que é impuro é a base da devoção à N.S. da Pureza. Ela que, tudo que é mundano afasta, irá também preservar as mulheres de Aracaju quando por estas for invocada.

Outro aspecto também da Pureza de Maria está na concepção virginal de Maria, diz-se no Catecismo Católico que: “O aprofundamento da fé na maternidade virginal levou a Igreja a confessar a virgindade real e perpétua de Maria (CIgC,162), mesmo no parto do Filho de Deus feito homem (CIgC,163). Com efeito, o nascimento de Cristo, não diminuiu, antes consagrou a integridade virginal da sua Mãe.

Portanto, a devoção a Nossa Senhora da Pureza e consagração desta como orago da irmandade feminina de Aracaju oferecem um meio para a interação social para as moças solteiras, as casadas e as viúvas sergipanas que buscam um espaço puro para professar a sua fé cristã.

## **5. O protagonismo feminino na Irmandade da Pureza**

As Irmandades, assim, como todas as outras instituições desde o início dos tempos, deram às mulheres o papel secundário na vida particular e social. Tidas como frágeis e sem capacidade

de desempenho à frente de questões que se diferenciavam dos afazeres domésticos, tiveram as mulheres o papel submisso e silenciado por muito tempo.

Quebrando essas condições, mulheres, negras e libertas adentraram nos espaços antes reservados ao protagonismo masculino e criaram instituições que deram voz e vez as suas representações, a exemplo temos a Irmandade da Boa Morte em São Salvador, formada por mulheres negras e iniciadas no candomblé, detalhe este, que ilustra o papel que essas associações desempenharam no sincretismo religioso e na capacidade de manter as raízes africanas vivas.

A discussão de como as mulheres conquistaram seus espaços e passaram a ser vistas ao longo dos tempos, assim como a luta que travam por seus direitos, seja uma constante, até mesmo nos dias de hoje, não desmerece a importância que uma pequena Irmandade situada na então capital do menor estado do país, desempenhou no protagonismo feminino frente as associações compostas de homens com papéis principais. A Irmandade de Nossa Senhora da Pureza, erguida na Igreja de São Salvador, tinha como principal elemento descrito no seu compromisso a participação exclusiva de pessoas do sexo feminino, que fossem casadas, viúvas, solteiras e menores de sete anos que obtivessem aquiescência de seus pais, assim segue:

Art. 1. E' creada nesta Capital uma Irmandade com a invocação de N. S. da Pureza, a qual se comporá somente de pessoas do sexo feminino, casadas, viúvas honestas, solteiras e meninas maiores de sete anos que exhibam o consenso de seus pais, tutores, ou curadores os quaes assignarão por ellas e com ellas, se souberem escrever, o termo de entrada. (Compromisso da Irmandade de N.S. da Pureza, 1872).

Não bastasse a presença de mulheres na sua formação, elas exerciam cargos administrativos dentro da irmandade, fator este, que a difere das demais, já que nas outras irmandades era permitido a participação de mulheres, exceto na composição da mesa que conduzia os trabalhos de manutenção da associação. Havia uma juíza, uma tesoureira, uma secretaria, uma zeladora, e seis mordomas, cargos que até então, eram somente ocupados por homens. Dentro das regras de admissões de novas associadas, era preciso que as mulheres possuíssem bons costumes e professassem a fé Católica Apostólica Romana, e que dispusessem de valores para pagar a joia e as mensalidades da associação.

Cada cargo administrativo competia uma responsabilidade própria, a função de Juíza, competia convocar a mesa, sendo a presidência do pároco da freguesia, e sendo seu voto consultivo, já que em seu artigo final, fica claro que os homens não podem participar das eleições e ou de quaisquer outros trabalhos, e cabe ao pároco advertir e proibir que os homens se inteirem das funções da irmandade. Dentre as obrigações desse cargo, cabe também autorizar as despesas da associação e da festa.

A irmã tesoureira ficava encarregada de guardar todos os objetos pertencentes à Irmandade e dos quais só poderia usar e apresentar com autorização da mesa administrativa, assim como fornecer os objetos próprios para o culto da Senhora da Pureza. O compromisso apresenta como obrigação desta função: Recolher o cofre junto com a irmã secretaria, prestar contas em mesa sempre no 1º de janeiro, substituir a Juíza quando esta estiver impedida, com a exceção do dia em que tiver que prestar contas. Já a irmã secretaria, tem como obrigação escriturar os acontecimentos da irmandade como as receitas, despesas, acordos da mesa, dar as guias e anotar todos os repasses para o andador.

A irmã zeladora fica encarregada de cuidar da imagem da Senhora da Pureza e promover assim que os recursos permitam o altar próprio e decente para que os fiéis possam invocar seu patrocínio, assim como, por ordem de prioridade, seja construída sua Matriz para os ofícios divinos. A distinção dos cargos apresentados, agora desempenhados pelas mulheres, mostra a importância que esta Irmandade integra no cenário de luta social e na tensão da dominância do patriarcado que sempre esteve como peça fundamental no jogo de poder dentro da sociedade.

No que compete ainda às obrigações das irmãs, ficava determinado que logo que se desse a posse da nova mesa administrativa, a irmandade nomeava doze moças para que tirassem esmolas com a bolsa entre os devotos da Pureza e em ocasiões das missas. Aquelas que não prestassem conta das esmolas junto ao cofre da Irmandade, dentro do prazo determinado, poderiam: “ser eliminada da Irmandade, não podendo pertencer mais à ella em tempo algum, fazendo-se especial menção do seu nome e do motivo da exclusão em uma das actas das resoluções da mesa”(Compromisso da Irmandade de N.S. da Pureza, art.17, 1872). Todo o processo administrativo possuía uma lisura no zelo com que eram tratadas as questões financeiras e administrativas.

Não sendo diferente das demais irmandades, a da Pureza também possuía um artigo específico que determinava sua função social de amparo aos seus membros, ficava determinado no seu artigo 21 que:

Morando alguma irmã em estado de indigência, a Irmandade não só proporcionará os meios de ser dado ao seu corpo à sepultura, como mandará dar três dobres e dizer um oitavario de missas por sua alma; bem como será socorrida pela Irmandade aquella de suas irmãs que cahir em indigência com a quantia que a mesa determinar (Compromisso da Irmandade de N.S. da Pureza, 1872).

Ainda que no seu compromisso fique claro que não possa existir sua incorporação com as irmandades dos homens, seu artigo 24 declara que se a irmandade assistir a atos incorporados, a mesma não poderá alçar cruz e sua única identificação seria uma estampa com as esfige de Nossa Senhora da Pureza, feita de prata pendurada ao pescoço por uma fita de cetim branco e fivelas pratas. Tais exigências, não deixam de demonstrar que mesmo sendo pioneira em representar o espaço das mulheres, a mesma ainda seguia regras estabelecidas que limitavam sua liberdade na divisão dos espaços masculinos.

Para a associação era muito importante que todas estivessem em dias com suas obrigações financeiras, o artigo 25 é muito conciso, “A irmã que por espaço de três anos não pagar suas mensalidades, será despedida da irmandade com a declaração na acta do motivo porque foi expelida. (Compromisso da Irmandade de N.S. da Pureza, 1872) Pois, eram através das mensalidades, esmolas e joias que a irmandade apoiava seus membros e faziam a festa devocional do seu orago.

A festividade em honra a Senhora da Pureza, segundo seu compromisso acontecia sempre no domingo seguinte aos trinta dias do mês de maio. O Artigo 19 traz uma observação muito importante:

N’esse acto, e em toda as solenidades da mesma Senhora, ou em outra qualquer festividade, para que for convidada a irmandade de N.S da Pureza, esta se não encorporará com a dos homens, mas se reunirá em um dos lados da matriz, que lhe for designado pelo reverendo parcho; ostentando suas insignias tão somente (Compromisso da Irmandade de N.S da Pureza, 1872).

Tal artigo retrata como a segregação dos espaços entre homens e mulheres era uma tenção e uma discriminação, já que as mulheres não poderiam misturar-se ou dividirem os mesmos lugares de representação social, que os homens. Segundo Joanice:

(...) as mulheres buscaram alternativas para enfrentar as situações de desigualdades em que se encontravam, isto é, as mulheres procuraram através da religião, formas de mudar ou adequar os espaços tradicionalmente concedidos, em espaços de resistência e luta, o que implicou em uma mudança de comportamento (CONCEIÇÃO, 2003, p.7).

A Pequena Irmandade da Pureza carregava consigo um pioneirismo de enfrentamento às questões de lutas sociais e representações protagonizando um avanço de tomada de lugar num meio predominantemente masculino.

Concluimos assim, que a luta pelo lugar social e pelos direitos femininos equiparados não é uma discussão contemporânea, mas sim uma busca que reverbera desde o princípio dos tempos. Também, devemos atentar diante do exposto para a construção simbólica do espaço social católico sergipano, ora, a confraria que analisamos é uma agremiação elitista, branca e conservadora, o que significa que as preocupações, funções e membros são representantes da minoria social mais abastada.

As mulheres tantas vezes e quase sempre excluídas da história, silenciadas e esquecidas, nunca deixaram de buscar seu lugar e sua representação equivalente no mundo. Em Sergipe Del Rey não aconteceu diferente, ao analisar o Termo de Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora da Pureza percebemos como estavam dispostas ao confronto social aquelas irmãs aracajuanas. Elas presidiam, cuidavam das finanças, zelavam pelos bens, organizavam festejos, cumpriam seus afazeres solidários, enfim, as mulheres da Aracaju do século XIX não mediam esforços para sua ascensão social.

## **Referencias**

ANDRADE, Péricles. Catolicismo e distinção social: os espaços religiosos na povoação de Estância, Sergipe. In: BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **Temas de História e Educação Católica em Sergipe**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, p. 167-194.

ANDRADE JÚNIOR, Péricles Morais de. Espaço e distinção social: o catolicismo na Província de Sergipe. **UNESP**, São Paulo, v. 29, p. 91-107, 2010.

CONCEIÇÃO, Joalice Santos. **Irmandade da Boa Morte: a contradição do Patriarcado**. XI congresso Brasileiro de Sociologia. Campinas/ SP, setembro de 2003.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 2ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2013.

OLIVEIRA, Lilian Sarat de. Educação e religião das mulheres no Brasil do século XIX: conformação e resistência. **Fazendo Gênero 8 – Corpo, violência e poder**. ST 27 - Reconfigurações do público e do privado e os limites do protagonismo feminino. Florianópolis, 2008.

OLIVEIRA, Vanessa S. A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM SERGIPPE DEL REY (SÉC. XIX). **Revista do IHGSE**, Aracaju, Nº 44, p. 313-338, 2014

SANTOS, Dijalma Oliveira Trindade dos. **Devoção e assistência: compromissos de irmandades sergipanas no século XIX**. Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, agosto de 2008.

SANTOS, Jocineide Cunha dos. UM OLHAR SOBRE AS IRMANDADES DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS NAS TERRAS SERGIPANAS (1750-1835) **SECULUM – REVISTA DE HISTÓRIA**, João Pessoa, Nº 25, p. 11-26, 2011.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Irmandades de Sergipe oitocentista. In: BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **Temas de História e Educação Católica em Sergipe**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, p. 103-136.

SIMÃO, Maristela dos Santos. **As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e os africanos no Brasil do Século XVII**. Dissertação apresentada no Programa de Mestrado em História da África na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

Recebido em 31/05/ 2019

Aprovado em 27/ 06/ 2019

Publicado em 30/08/ 2019